



18 de novembro de 2021

PREVISÕES AGRÍCOLAS

Outubro de 2021

## BOAS CAMPANHAS FRUTÍCOLAS E OLEÍCOLAS

As previsões agrícolas, em 31 de outubro, apontam para aumentos significativos de produção na generalidade das culturas frutícolas e nos olivais: nas pomóideas, o ciclo produtivo decorreu favoravelmente, prevendo-se produções de 341 mil toneladas na maçã (a segunda mais elevada desde 1986) e de 183 mil toneladas na pera (+40% face à campanha passada); no kiwi, apesar do calibre dos frutos ser menor que o habitual, estima-se que, pela primeira vez, a produção alcance as 50 mil toneladas; na amêndoa, torna-se evidente o impacto que o aumento da área (sobretudo com amendoais intensivos) tem na produção, que deverá fixar-se nas 38 mil toneladas (a produção mais elevada dos últimos 24 anos); na produção de vinho, apesar de alguma heterogeneidade regional, espera-se um aumento de 5% face à vindima de 2020; por último, nos olivais para azeite, e após um ano de contrassafra, as previsões apontam para uma produtividade, inédita, superior a 3 toneladas por hectare. De referir que, em sentido contrário, sobretudo devido ao surgimento descontrolado de septoriose em muitos soutos não tratados, a produção de castanha deverá diminuir 10%, num ano em que a carga de ouriços faria prever uma campanha bastante produtiva.

Quanto às culturas anuais, destaque para o tomate para a indústria que, fruto de um rendimento unitário historicamente elevado, volta a ultrapassar as 1,5 milhões de toneladas. A produção de arroz também deverá aumentar (+30%), em resultado da conjugação do aumento da área e da produtividade. No milho, prevê-se que a produção global (de regadio e de sequeiro) alcance as 716 mil toneladas (+5%, face a 2020).

O mês de outubro caracterizou-se, em termos meteorológicos, como muito quente<sup>1</sup> em relação à temperatura do ar e normal<sup>2</sup> em relação à precipitação. O valor médio da temperatura média do ar, 17,3°C, registou uma anomalia de +1,5°C face à normal (1971-2000), posicionando este outubro como o sexto mais quente desde 2000. De referir que nos períodos mais quentes do mês (de 6 a 14 e nos dias 18 e 19), mais de metade das estações meteorológicas registaram temperaturas máximas superiores a 25°C, tendo-se verificado a ocorrência de uma onda de calor<sup>3</sup> em algumas zonas do Ribatejo e Alentejo. Quanto à precipitação, o valor médio da quantidade de registada em outubro, 87,7mm, apresentou um desvio face à normal de -10,5mm. Apesar de ter havido seis dias com chuva significativa (3, 17 e 28 a 31), cerca de ¾ da precipitação mensal ocorreu entre os dias 29 e 31, com períodos extensos de precipitação forte e muito forte. Em termos espaciais, de referir que no Baixo Alentejo e Algarve a precipitação foi inferior a 25% da normal.

<sup>1</sup> Classifica-se como muito quente um mês cujo valor de temperatura média permite posicioná-lo, por comparação com os registos desse mês no período de referência (1971-2000), entre os 20% mais quentes.

<sup>2</sup> Classifica-se como normal um mês cujo valor de precipitação situa-se próximo da mediana dos registos desse mês no período de referência (1971-2000), mais concretamente entre os percentis 40 e 60.

<sup>3</sup> Considera-se que ocorre uma onda de calor quando, num intervalo de pelo menos 6 dias consecutivos, a temperatura máxima diária é superior em 5°C ao valor médio diário no período de referência (1971-2000).



## CLIMATOLOGIA EM OUTUBRO 2021

Observação	Temperatura média do ar (°C)				Precipitação média (mm)			
	Média mensal	1ª década	2ª década	3ª década	Mensal acumulada	1ª década	2ª década	3ª década
<b>A norte do Tejo</b>								
Valor verificado	<b>16,7</b>	17,4	17,9	14,8	<b>114,2</b>	21,3	11,8	81,1
Desvio da normal	<b>1,5</b>	0,8	3,0	0,7	<b>12,0</b>	-2,4	-34,0	48,4
<b>A sul do Tejo</b>								
Valor verificado	<b>19,4</b>	19,9	20,5	17,9	<b>42,6</b>	4,7	0,2	37,7
Desvio da normal	<b>1,9</b>	0,9	3,2	1,5	<b>-23,1</b>	-9,4	-30,6	16,9

Fonte: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P.

Nota: foram utilizados dados de 58 estações meteorológicas a norte do Tejo e de 34 estações meteorológicas a sul do Tejo

No final de outubro, e de acordo com o índice meteorológico de seca PDSI<sup>4</sup>, observou-se uma diminuição da área em seca meteorológica na região do Alto Alentejo. Em contrapartida, a intensidade da seca aumentou no Baixo Alentejo e Algarve, com o aparecimento de seca severa em alguns locais (zona de Alvalade do Sado e Barlavento Algarvio, ocupando 3% da superfície continental). As classes de seca fraca e moderada representavam 25% do território continental (43% no final de setembro), ocupando a maior parte dos distritos de Beja, Setúbal e Lisboa, a zona sul do distrito de Santarém e o Sotavento Algarvio. O teor de água no solo, em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas, aumentou face ao final de setembro nas regiões do Norte e Centro. No entanto, ainda mantém valores muito baixos, inferiores a 20%, em alguns locais do território, nomeadamente na região do vale do Douro e nos distritos de Setúbal, Beja e Faro.

Quanto às reservas hídricas, o volume de água armazenado nas albufeiras de Portugal continental<sup>5</sup> encontrava-se nos 64% da capacidade total, valor inferior ao registado no final do mês anterior (66%) mas idêntico ao valor médio de 1990/91 a 2020/21 (64%) e superior ao valor registado em outubro de 2020 (60%).

Estas condições meteorológicas e hidrológicas permitiram a conclusão das vindimas e das restantes colheitas da época (nomeadamente da maçã), bem como o início da apanha da azeitona. No entanto, irão condicionar o início das podas uma vez que, devido à ausência de frio e de precipitação na maior parte de outubro, os pomares e as vinhas apresentavam-se no final do mês ainda com muita folhagem. As mobilizações dos solos para a instalação das culturas outono/invernais também sofreram algum atraso, dado que os teores de humidade do solo eram insuficientes para permitir a realização dos trabalhos em condições agronomicamente aceitáveis.

<sup>4</sup> O índice PDSI (Palmer Drought Severity Index) baseia-se no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo e permite detetar a ocorrência de períodos de seca, classificando-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema). Informação constante em IPMA - Boletim Climatológico, outubro 2021, [https://www.ipma.pt/resources/www/docs/im\\_publicacoes/edicoes\\_online/20211105/nmUCVwguhliqK0IzXk/cli\\_20211001\\_20\\_20211031\\_pd\\_mm\\_co\\_pt.pdf](https://www.ipma.pt/resources/www/docs/im_publicacoes/edicoes_online/20211105/nmUCVwguhliqK0IzXk/cli_20211001_20_20211031_pd_mm_co_pt.pdf), consultado em 10 de novembro de 2021.

<sup>5</sup> Cálculos INE a partir da informação constante do Boletim de Armazenamento nas Albufeiras de Portugal Continental - Situação das Albufeiras em outubro de 2021, in <https://snirh.apambiente.pt/index.php?idMain=1&idItem=1.3>, consultado em 10 de novembro de 2021.



## Teores de humidade do solo mais baixos a sul do Tejo atrasam início do crescimento vegetativo das pastagens

O reinício do ciclo de desenvolvimento das pastagens de sequeiro ocorreu de forma distinta a norte e a sul do Tejo. Nas regiões Norte e Centro, a precipitação ocorrida na segunda quinzena de setembro e ao longo de outubro, associada às temperaturas amenas, permitiu um crescimento significativo de matéria verde, havendo já disponibilidade para o pastoreio, sobretudo dos pequenos ruminantes. Em contraponto, no Ribatejo, Alentejo e Algarve, o prolongamento da situação de secura dos solos (apenas interrompida nos últimos dias de outubro) conduziu a um atraso na germinação e início do crescimento vegetativo nas pastagens, bem como na instalação das culturas forrageiras (anuais e plurianuais). A alimentação dos efetivos explorados em regime extensivo continuou a ser suplementada com fenos e silagens, em maior quantidade face a igual período do ano anterior. De notar que a produção forrageira da campanha 2020/2021 foi globalmente superior à obtida na anterior (aumentos entre 10% e 20%), não havendo registos de dificuldades em garantir o referido suprimento nutricional.

## Produtividade média do olival para azeite ultrapassa, pela primeira vez, as 3 toneladas por hectare

A apanha da azeitona, que teve início em meados de outubro nos olivais tradicionais e no final do mês nas variedades mais precoces dos olivais em sebe, prossegue sem incidentes. Após um ano de contrassafra, a floração e o vingamento decorreu com condições meteorológicas muito favoráveis, originando, de uma forma geral, uma carga de frutos significativamente superior à alcançada na campanha anterior. O desenvolvimento e maturação da azeitona também decorreu normalmente, com a chuva de final de outubro a, previsivelmente, permitir um aumento no calibre das azeitonas em alguns olivais tradicionais de sequeiro do Centro e Sul, após o prolongado estio dos meses de junho a agosto. Globalmente, a conjugação destes aspetos com o peso crescente dos olivais intensivos de regadio<sup>6</sup> (onde um maior controlo dos aspetos agrónomicos minimiza os impactos dos fatores ambientais sobre as culturas) permite estimar uma produtividade média superior a 3,0 toneladas por hectare, a mais elevada da série (1986-2021).

### Continente

Culturas	Produtividade						Índices	
	2016	2017	2018	2019	2020	2021 f	2021 f	2021 f
	kg/ha						(Média 2016/20 = 100)	(2020 = 100)
<b>OLIVAL</b>								
Azeitona de mesa	1 905	1 939	1 503	1 967	1 581	2 140	120	135
Azeitona para azeite	1 353	2 420	2 029	2 460	1 908	3 050	150	160

f - Valor previsto

Na azeitona de mesa a produtividade deverá, pela segunda vez desde 1986, ultrapassar as 2 toneladas por hectare (em 2015 atingiu as 2,36 toneladas por hectare). De referir que, face a este aumento previsto, instalou-se alguma preocupação nos produtores, principalmente em Trás-os-Montes, relativamente à

<sup>6</sup> Em 2019, 20% da área de olival para azeite tinha uma densidade superior a 300 árvores por hectare e era regada, em contraste com os 7% da mesma realidade em 2009.



disponibilidade e custo da mão-de-obra para a apanha desta cultura, com um período de oportunidade de colheita muito limitado.

## Produção de arroz aumenta devido ao aumento da área semeada e à subida do rendimento unitário

No arroz estima-se que, no final de outubro, ainda estariam por colher cerca de 20% da área semeada. A campanha decorreu de forma distinta nas principais regiões produtoras: no Baixo Mondego, a produtividade alcançada foi inferior à da campanha anterior, sobretudo devido à falta de luminosidade e calor durante o verão, ao surgimento não controlado de piriculariose<sup>7</sup> e ao elevado grau de infestação das searas por milhã (situação recorrente e transversal, nas últimas campanhas, a todas as regiões). No Ribatejo, os níveis de luminosidade foram superiores e, apesar da forte presença de infestantes, a produtividade média aumentou 30%. Em contrapartida, no Alentejo, o incremento de produção foi essencialmente suportado pelo aumento da área semeada, com a reutilização dos cerca de 3 mil hectares de canteiros no Vale do Sado que, devido a obras de requalificação na infraestrutura de regadio que os alimentava, não puderam ser explorados em 2020. Globalmente, estima-se uma produção de 173 mil toneladas, 7% acima da média do último quinquénio.

### Continente

Culturas	Produção						Índices	
	2016	2017	2018	2019	2020	2021 f	2021 f	2021 f
	1 000 t						(Média 2016/20 = 100)	(2020 = 100)
<b>CEREAIS</b>								
Arroz	169	180	161	161	133	173	107	130
Milho de regadio	693	729	698	733	661	694	99	105
Milho de sequeiro	17	15	15	22	21	22	122	105
<b>CULTURAS INDUSTRIAIS</b>								
Tomate para a indústria	1 598	1 650	1 227	1 439	1 255	1 569	109	125
Girassol	26	21	17	12	10	9	53	90
<b>FRUTOS</b>								
Maçã	253	328	262	368	284	341	114	120
Pera	137	202	161	198	131	183	110	140
Kiwi	24	35	34	44	46	50	138	110
Amêndoa	9	23	17	32	32	38	168	120
Castanha	32	30	34	44	42	38	104	90
<b>VINHA</b>								
Vinho (1 000 hl)	5 804	6 515	5 840	6 302	6 226	6 537	107	105

f - Valor previsto

<sup>7</sup> Doença causada pelo fungo *Pyricularia oryzae*, pode atacar toda a parte aérea do arroz, com implicações sérias na produtividade potencial alcançada.

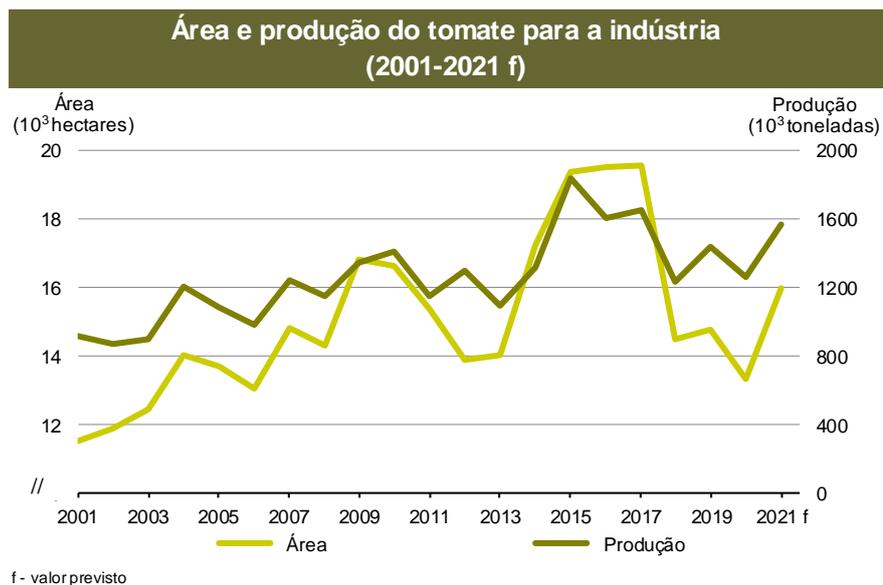


## Produção de milho para grão volta a ultrapassar as 700 mil toneladas

A colheita do milho de regadio acelerou com as previsões de precipitação para os últimos dias do mês de outubro, por forma a evitar o aumento dos teores de humidade do grão e desaproveitar a secagem natural que decorreu no campo nos últimos meses, estimando-se que mais de 2/3 da área semeada já se encontre colhida. Apesar de, em resultado da forte precipitação, se terem registado algumas situações de acama nas searas do Baixo Mondego, prevê-se que a produção global (de regadio e de sequeiro) alcance as 716 mil toneladas, valor 5% acima do registado na última campanha e próximo da média do último quinquénio.

## Tomate para a indústria com produção acima das 1,5 milhões de toneladas

A colheita do tomate para a indústria concluiu-se na primeira semana de outubro. As condições meteorológicas favoráveis possibilitaram um bom desenvolvimento vegetativo da cultura e conduziram a uma boa mostra de frutos, que maturaram corretamente, tendo-se alcançado rendimentos unitários historicamente elevados (em média, acima das 98 toneladas por hectare). As perspetivas são, assim, de uma produção de 1,57 milhões de toneladas, próxima dos valores alcançados em meados da década anterior, mas obtida numa área plantada bastante inferior (-18% face à média 2015-2017).



De referir que a qualidade geral da matéria-prima entregue na indústria transformadora foi elevada, com bons índices de cor e valores altos de grau Brix<sup>8</sup>, embora se tenham verificado, principalmente após as chuvadas do final de setembro, situações de podridão e de alguma sobrematuração.

<sup>8</sup> A escala de graus Brix (ou ° Brix) permite aferir o teor de sólidos solúveis totais de uma solução, sendo que nos frutos/hortícolas mede, essencialmente, os açúcares presentes (frutose e glucose).



## Boa campanha nas pomóideas

O ciclo produtivo das maçãs decorreu de forma bastante favorável nas principais regiões produtoras, tendo a colheita terminado em meados do mês. Em Trás-os-Montes, confirmaram-se os cenários de aumento da produção global (superior a 30%, face à campanha anterior) e obtenção de frutos de boa qualidade. A fase da floração/vingamento dos frutos decorreu em condições meteorológicas muito favoráveis, tendo resultado numa carga de frutos de tal forma elevada que, mesmo após a monda química e a normal queda fisiológica de frutos de junho, houve necessidade de realizar uma monda manual seletiva em muitos pomares, por forma a garantir frutos de calibre comercializável em fresco. Os prejuízos provocados pela queda de granizo no verão foram reduzidos (quer pela extensão onde ocorreram, quer pela existência de coberturas protetoras em alguns pomares), tal como os originados pelos dias de calor intenso, em parte devido à maior utilização do caulino como agente protetor dos frutos. No Oeste, as previsões apontam para um aumento de 10% da produção nas variedades do grupo das Galas (as predominantes na região) e de 30% no grupo das Fuji. As variedades do grupo das Golden, Reinetas e Granny deverão manter uma produtividade semelhante à alcançada no ano passado. Assim, globalmente, estima-se que a produção atinja as 341 mil toneladas, posicionando esta campanha como a segunda mais produtiva dos últimos 35 anos (apenas ultrapassada pela de 2019, com 368 mil toneladas).

Quanto à pera, cuja colheita decorreu entre a primeira semana de agosto e o início de setembro no Oeste (zona que concentra cerca de 85% da produção nacional), as expectativas de uma boa campanha confirmaram-se plenamente. Após uma das menos produtivas campanhas da última década, a produção deverá registar um acréscimo na ordem dos 40%, alcançando as 183 mil toneladas. De referir que a qualidade das peras, embora boa, foi afetada pelas temperaturas amenas e baixa radiação durante o período de desenvolvimento dos frutos, originando em geral graus Brix mais baixos, frutos de menor calibre e maior predomínio de carepa<sup>9</sup>.

## Kiwi com produção de 50 mil toneladas, a maior dos últimos 35 anos

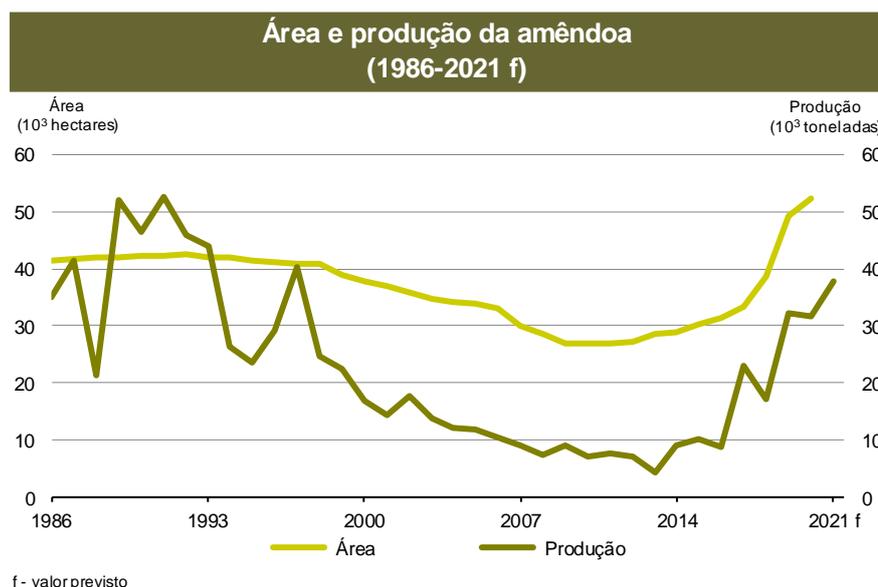
A maioria dos pomares de kiwi encontra-se na fase M - frutos em crescimento, tendo-se já iniciado a colheita nos pomares mais novos, com variedades precoces. Nas regiões produtoras de kiwi (Entre Douro e Minho e Beira Litoral), a floração e vingamento dos frutos decorreu sem problemas, essencialmente devido a uma polinização eficaz (em muitos casos, associada à presença de apiários), conduzindo a uma elevada carga de frutos. Apesar do esforço de realização de diversas operações de monda de frutos e do reforço de adubações foliares, não foi possível contrariar totalmente a tendência para uma produção de kiwis de menor calibre, face ao habitual, em resultado da paragem de crescimento dos frutos do início do verão (resposta fisiológica às baixas temperaturas registadas). Ainda assim, prevê-se um aumento de 10% na produção, face à campanha anterior, alcançando-se, pela primeira vez desde que existem registos estatísticos sistematizados, as 50 mil toneladas.

<sup>9</sup> Pontuado acastanhado na epiderme das pomóideas, podendo ocorrer naturalmente (caraterística genética) ou devido a fatores externos (baixas temperaturas, alternância de teores de humidade, etc.). Apesar de não estar estabelecida a relação direta entre a presença de carepa e a qualidade do fruto, o seu maior predomínio é atualmente considerado como um fator negativo pelos consumidores, com natural penalização no preço pago ao produtor.



## Novos pomares contribuem para aumento da produção de amêndoa

O adiantamento do ciclo vegetativo nas amendoeiras conduziu à conclusão da colheita da amêndoa no início do mês. A entrada em produção das novas plantações intensivas, quer nas principais regiões produtoras (Trás-os-Montes e Alentejo), quer noutras regiões com menor tradição nesta cultura (como a Beira Interior, onde a quantidade colhida superou as expectativas), contribuíram para um aumento da produção de 20%, face a 2020, devendo-se atingir as 37,9 mil toneladas, valor que já não se alcançava desde 1997.



De referir que, após uma redução sistemática da área de amêndoa entre 1994 e 2009 (a um ritmo médio anual de mil hectares por ano), o interesse nesta cultura ressurgiu, com a instalação de novos pomares intensivos (maioritariamente de regadio no Alentejo e Beira Baixa e de sequeiro em Trás-os-Montes) e a reconversão de áreas já existentes. A partir de 2010, a superfície de amendoeiras iniciou um processo contínuo de aumento (+95% entre 2011 e 2020), com reflexo, necessariamente retardado, na produção (os amendoeiros intensivos iniciam a produção entre o segundo e o terceiro ano após a plantação e atingem a plena produção em cerca de sete anos). Ainda assim, os efeitos da entrada em produção das novas plantações (mais produtivas que as tradicionais) são já visíveis, e de forma bastante mais expressiva que na área, tendo-se passado das 7,7 mil toneladas em 2011 para as 37,9 mil toneladas em 2021 (+394%).

## Surto de septoríose trava otimismo inicial na campanha da castanha

As condições meteorológicas que se fizeram sentir no início do ciclo vegetativo do castanheiro faziam prever que se estaria perante uma boa campanha, com uma carga de frutos elevada e produção acima da média. Porém, a partir de meados do verão, a ocorrência de vários períodos de precipitação e de temperaturas médias não muito elevadas durante o final de julho e princípio de agosto potenciaram o aparecimento e desenvolvimento da septoríose, doença provocada pelo fungo *Mycosphaerella maculiformis* que,



habitualmente, tem ocorrência marginal e de pouco impacto económico. Apesar da situação ter sido identificada na altura e de se terem emitido recomendações para a realização de um tratamento preventivo à base de cobre, nem todos os produtores protegeram os sotos, observando-se em muitos castanheiros a presença de necroses no pedúnculo do ouriço, que conduziram à sua queda precoce (antes da maturação) ou, na melhor das hipóteses, a castanhas com calibres inferiores. Desta forma, estima-se uma quebra da produção global de castanha na ordem dos 10%, face a 2020. Recorde-se que o último grande ataque descontrolado de septoriose ocorreu em 2014, com grande impacto na produção (a segunda menor das últimas duas décadas).

### Produção de vinho deverá registar aumento de 5% face à vindima de 2020

As vindimas terminaram em outubro, em alguns casos com as uvas em deficientes condições sanitárias. A campanha foi marcada pela forte precipitação na primavera, que obrigou a uma intensificação dos tratamentos fitossanitários (quer pela conjugação da humidade com a subida da temperatura, quer pelo rápido crescimento dos lançamentos), e que originaram ainda a ocorrência de situações de desavinho e bagoinha (em especial na região vitivinícola do Minho). O verão ameno conduziu, de uma forma relativamente generalizada a norte do Tejo, a teores de açúcar abaixo do pretendido, obrigando a atrasar a colheita o mais possível, por forma a permitir a obtenção de mostos com maior potencial de produção alcoólica. No entanto, a precipitação de setembro desencadeou processos de deterioração da qualidade das uvas, com o aumento da incidência da podridão cinzenta (*Botrytis cinerea*), alterando o foco dos produtores da procura de mais açúcares para a urgência da realização das vindimas, de modo a evitar mostos com demasiada acidez. Globalmente, prevê-se um aumento de produção de vinho de 5%, face a 2020, com a generalidade das regiões vitivinícolas a compensarem as quebras observadas nas do Minho, de Lisboa e do Tejo. De referir que os mostos apresentam bom equilíbrio na relação entre a acidez e os açúcares (ainda que com teores de açúcar inferiores ao habitual), perspetivando-se a obtenção de vinhos de boa qualidade.

Na uva de mesa as previsões também apontam para um aumento de 5%, face à campanha anterior.

#### Ficha técnica de execução:

As Previsões Agrícolas reportam-se aos últimos dias do mês de outubro de 2021;

A recolha da informação é assegurada regionalmente pelas Direções Regionais de Agricultura e Pescas em articulação com o INE;

As Previsões Agrícolas são também divulgadas no Boletim Mensal de Estatística e no Boletim Mensal da Agricultura e Pescas ([http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes)).